

## **Comunicação e Cultura Nobrow: o Fluxo Cultural no Ciberespaço**

*Janaína Quintas Antunes<sup>1</sup>*

### RESUMO

O século XX potencializou diversos fenômenos culturais e fez surgir diversos outros novos. A cultura se desenvolveu plenamente. Com a convergência de fatores comunicacionais, culturais e sociais como o hibridismo, a cibercultura e a globalização, se fertilizou o terreno para o nascimento, na virada de milênios, do chamado Nobrow: um novo fenômeno comunicacional diretamente ligado às novas tecnologias e novas mídias, em especial ao ciberespaço, que fez surgir uma nova cultura de mesmo nome com o fluxo cultural e o diálogo universalizado de informações proporcionado pelo empoderamento tecnológico em escala mundial; trazendo conseqüentemente uma democratização dos bens materiais e imateriais criados pela cultura. É um novo momento na história cultural do século XXI.

### PALAVRAS-CHAVE

Nobrow; Comunicação Hipermediática; Ciberespaço; Hibridismo; Interculturalidade.

## **Communication and Culture Nobrow: The Cultural Flow in Cyberspace**

### ABSTRACT

The twentieth century has potentiated various cultural phenomena and has given rise to several new ones. Culture has developed fully. With the convergence of communicational, cultural and social factors such as hybridism, cyberculture and globalization, the terrain was fertilized for the birth of the so-called Nobrow: a new communication phenomenon directly linked to new technologies and new media, in particular to cyberspace, which has given rise to a new culture of the same name with the cultural flow and the universalized dialogue of information provided by technological empowerment on a world scale; thus bringing about a democratization of the material and immaterial goods created by culture. It is a new moment in the cultural history of the 21st century.

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora e pesquisadora nas áreas de Cibercultura, História da Cultura, História da Arte, Comunicação e Ciências Sociais. tcheina@hotmail.com

## KEY-WORDS

Nobrow; Hypermediatic Communication; Cyberspace; Hybridism; Interculturality.

## Introdução

A contemporaneidade e seus novos padrões comunicacionais hipermediáticos nos convidam a pensar sobre as transformações na cultura humana que são consequência direta desses. As grandes inovações tecnológicas (...) nos trouxeram novos hábitos e novos processos comunicativos que reinventam a cultura hoje, assim como seu fluxo e produção. Dessa maneira, vivemos um momento extremamente propício para a reflexão sobre as implicações do ambiente sobre o ser humano, e vice-versa. O ambiente físico em que um indivíduo se encontra sempre foi a sua grande fonte de influência cultural, e o fluxo cultural se dava temporalmente no espaço físico. Contudo, no ciberespaço tempo e espaço se perdem e uma nova cultura mundializada de circulação instantânea emerge; fazendo o território físico gradativamente dar lugar ao virtual. Com a disseminação universal da cibercultura, cada indivíduo sofre influência cultural de conteúdos do ciberespaço, e mesmo as pessoas que não têm acesso a ele sofrem essa influência de forma indireta. O ciberespaço nos trouxe a possibilidade de sermos influenciados por diversas culturas de diferentes lugares e tempos; sendo o ambiente no qual ocorre a internacionalização de culturas, ele possibilita sintetizar o produto criativo da confluência de características culturais de todo planeta. (ANTUNES; SANTOS, 2015, p.2).

O resultado dessa interculturalidade, dessa confluência planetária de características culturais, foi a comunicação *Nobrow*. E desta última surge, conseqüentemente, a Cultura *Nobrow*.

### **Nobrow: Conceitos e Origem**

A expressão *Nobrow* faz referência à expressão *highbrow* (uma denominação de cultura, artes e literatura, que as caracteriza como “intelectuais, de alta qualidade”), e à expressão *lowbrow* (expressão que caracteriza a cultura, a literatura e a arte como sem conexão ou interesse em ideias culturais sérias/intelectuais), de maneira a representar o conceito de cultura sem uma qualificação de *lowbrow* ou *highbrow*, sem um direcionamento específico a determinado tipo de público, ou à determinada área do conhecimento. Tal cultura não é nem popular, nem erudita; nem de certo estilo, ou de outro; uma cultura não categorizada. (ANTUNES, 2014a, p.1).

A partir do hibridismo dos conceitos de cultura *highbrow* e *lowbrow*, John Seabrook (2001), jornalista e crítico cultural do *The New Yorker*, cunha em 2000 a expressão *Nobrow*, inaugurando esta nova cultura que evoluiu o hibridismo e nomeando o momento histórico a surgir naquela data. A expressão foi posteriormente utilizada apenas por Peter Swirski (2005), acadêmico canadense, para caracterizar esta nova tendência da cultura. Ambos autores já

legitimaram a sua existência como mais do que mera releitura dos conceitos de alta e baixa cultura, considerando-se que a mistura destas, de *highbrow* e de *lowbrow*, deu origem a obras chamadas de híbridas. Esse hibridismo impulsionaria o surgimento da estética cultural denominada *Nobrow* ou, poderíamos dizer, uma cultura sem categorização. Assim sendo, por sua vez, o *Nobrow* é a evolução do hibridismo vinda da interatividade típica da cibercultura, caracterizada como uma cultura interativa digital em tempo real.

A expressão *Nobrow* faz alusão a bens culturais dificilmente classificados. *Nobrow* está surgindo como a cultura do século XXI, nascida sob condições tecnológicas e culturais específicas da contemporaneidade. Mais precisamente, é o inclassificável na era da cibercultura, e como dito anteriormente, consequência da interatividade mundial. (ANTUNES, 2014b, p.1).

*Nobrow* é inclassificável exatamente porque evoluiu o hibridismo para além de si mesmo, em direção a um “além-híbrido”. Cada obra da cultura *Nobrow* é única, já que a era cibercultural trouxe influências infinitas a cada indivíduo, em uma velocidade tal que torna-se impossível sua análise, conseqüentemente criando obras que escapam a nossa compreensão e aos nossos parâmetros ultrapassados de classificação.

Objetos culturais inclassificáveis em geral são isolados justamente por não conseguirem encaixar-se em nenhum grupo. Esses objetos podem ter existido há milênios, mas somente os surgidos na contemporaneidade integram a cultura *Nobrow*, já que esta se originou exclusivamente tendo em vista a vigência da cibercultura, o que torna a estética *Nobrow* completamente típica deste milênio. Os objetos culturais *Nobrow* não são necessariamente vinculados ao digital e ao interativo; eles não estão obrigatoriamente no ciberespaço. Contudo, cada obra *Nobrow* foi influenciada pelos traços da cibercultura; cada uma recebeu influências diretas ou indiretas de outras obras e artistas do mundo inteiro pelo ciberespaço. (...) *Nobrow* diz respeito ao isolamento local de artistas, porém unidos internacionalmente via ciberespaço. *Nobrow* é a união de tudo na indeterminação; é a possibilidade de categorização de obras que na cultura contemporânea são inclassificáveis. (ANTUNES, 2014b, p.2).

Essa diferenciação de objetos culturais não-categorizáveis contemporâneos e de seus predecessores é de extrema importância para se demonstrar a unicidade da cultura *Nobrow*. *Nobrow* não é meramente uma questão de recepção “*crossover*” (SEABROOK, 2001), de um cruzamento, de mistura de gêneros, ou de um intermediário entre eles, mas sim uma postura

intencional à qual autores e artistas simultaneamente destinam ambos os extremos do espectro literário/artístico.

Há diversos benefícios e perigos nesse *crossover*, nesse “trânsito *Nobrow*” entre *lowbrow* e *highbrow*. Podemos tomar Shakespeare como exemplo, um autor popular cujo trabalho também era apreciado pela corte inglesa. Mas levando em consideração o fato de que as divisões *highbrow-lowbrow* não faziam parte do paradigma socioestético de sua época, ele não era um escritor híbrido e muito menos *Nobrow*: isto vem do fato de que, especialmente após a denominação do termo *Nobrow* em 2000 por John Seabrook em seu livro, a cultura *Nobrow* (e todos seus desenvolvimentos originários anteriores a sua denominação em 2000) passou a ser identificada como essencialmente uma formação contemporânea, exatamente pela sua relação com o paradigma socioestético atual, *Nobrow* não nasceria sem a cibercultura.

Pelo arco de abrangência que granjeou na década de 90, a cibercultura se tornou o próprio mundo, a sua materialidade e o seu simbólico, a sua atmosfera integral, com uma nuance fundamental: ela não só se insere, hoje, no rol dos fenômenos globais, como também radica na base de todos eles. (TRIVINHO, 2001, p. 59).

Por outro lado, Peter Swirski introduz uma nova ótica, contraditória a Seabrook e à hipótese levantada neste artigo: “Em contradição com os estudiosos que, particularmente após o livro de John Seabrook de 2000, identificaram a cultura *Nobrow* como contemporânea, meu argumento é que, nas primeiras décadas do Século XX, a distinção popular-highbrow na literatura já havia dissolvido em arte *Nobrow*” (SWIRSKI, 2005). Swirski inicia assim seu argumento de que a origem da cultura *Nobrow*, mesmo que ainda não denominada, se dá no início do século XX, e não no início do século XXI, pois já se iniciava uma distinção dos conceitos na literatura. Dentro deste seu ponto de vista ele não considera a cibercultura como aspecto importante para o *Nobrow*, sendo que esta é uma ótica singular e específica da tese levantada neste artigo; e tão pouco diferencia *Nobrow* de hibridismo, como o faz Seabrook e também as hipóteses desta pesquisa, em que atestamos que o *Nobrow* é a evolução do hibridismo, um “além-híbrido”.

Ainda assim, tal visão de Swirski pode providenciar respaldo para a hipótese deste artigo de que os primórdios do *Nobrow* estão juntos ao nascimento da cibercultura, mesmo que só viessem a se originar no século XXI. Para Swirski, dentro da cultura *Nobrow*, e assim sendo, fora das fórmulas, o artista projeta um oxímoro *Nobrow*, um híbrido de alto modernismo e da arte popular. A recusa em se encaixar no molde (consciente ou inconscientemente) é precisamente o que é tão interessante, até mesmo ao combinar a forma popular com conteúdos sociofilosóficos, e mesmo com paródias autodesconstruídas. Desta forma podemos montar algo demasiado literário para o *mainstream*, e muito *lowbrow* para o literário, e que ainda assim é capaz de pagar um tributo intertextual para toda uma escola literária, ou artística. Este pode vir a ser um grande modelo *Nobrow*, apenas necessitando, apenas em busca de um sinalizador deste fato e deste conceito:

(...) Meus esforços (*de Peter Swirski*) devem forçosamente ser limitados a detalhar as maneiras pelas quais se cruzam os altos e baixos literários em busca de entretenimento. A ligação entre um Derby campeão com pedigree e um humilde burro não rende mais do que uma mula estéril. Na literatura, no entanto, cruzar trilhas culturais, muitas vezes rejuvenesce ao invés de embrutecer. (SWIRSKI, 2005, p.11).

A conclusão a que o autor (2005) chega é a seguinte: “Mediar para frente e para trás entre o intelectual e o popular, mostra que a única coisa estéril resultante são as categorias socioestéticas que não podem acomodá-los”.

Esta é a nossa grande análise e o grande desafio da cultura *Nobrow*: a sua própria essência “sem-categorista”, inclassificável. Muitas vezes este grande avanço trazido do “cruzamento” entre popular e erudito se perde, ou faz perder uma grande obra de arte ou de literatura, meramente pela falta de uma categorização para poder defini-la, para poder vendê-la. Talvez o novo conceito de *Nobrow*, a categorização de uma obra em “não-categorizada”, ainda que sendo uma antítese, ajude estas grandes obras a ganharem o espaço perdido por mísera falta de definição. *Nobrow*.

### **Comunicação e Fluxo Cultural no Ciberespaço**

O papel da cibercultura e da comunicação através do ciberespaço foi primordial para o surgimento do *Nobrow*. E o poder da comunicação *Nobrow* está justamente no fato de que por meio do ciberespaço ela junta muito mais elementos dispersos, é a mencionada inovação

do modo como os elementos foram colocados juntos. “O *cyberspace* absorve e equaliza todas as formas culturais disponíveis” (TRIVINHO, 2012, p. 77).

O empoderamento tecnológico proporcionou um novo diálogo social e cultural em escala mundial, e através deste, proporcionou também a democratização dos bens materiais e imateriais criados pela cultura.

Faz-se necessário analisarmos as mudanças no modo de ser e de viver do ser humano na atualidade, uma vez que a contemporaneidade traz padrões novos de pensamento, múltiplas linguagens, processos comunicativos e modos de interação humana, cada vez mais complexos apoiados pelas altas tecnologias. O fenômeno da comunicação hipermediática reinventa tanto as relações sociais quanto a circulação e a produção cultural. (...) A sociedade contemporânea expandiu suas fronteiras para além de limites concretos das localidades geográficas, tornou-se globalizada e ampliada com o ciberespaço, estimulando novas maneiras de ver, de pensar, de trocar, de se comunicar, de se relacionar e de viver. (ANTUNES, 2015, p. 2)

A difusão da mídia, natural e conseqüentemente, nos faz viver hoje em um quadro sem referências.

Os fatos e os acontecimentos são fragmentados, são observados de todos os ângulos, carecendo de uma referência a uma totalidade que lhes dê sentido. De todos os acontecimentos, só vemos os detalhes. Consumimos milhões de notícias sem reflexão. Os efeitos especiais e secundários nos escondem o fundamental. Não sabemos mais distinguir o importante do trivial. A informática, as redes de comunicação e a mídia se convertem num grande acelerador de partículas impedindo-nos de perceber a órbita referencial das coisas. E com a perda do horizonte histórico, perdemos também o sentido da história. Vivemos na imediatez e na dinâmica do provisório. Não distinguimos mais entre o objeto e sua imagem. Estaríamos em uma escatologia do tempo cumprido? A saída da história suporia a libertação das alienações que nela ocorrem? Estaríamos completamente entregues ao esteticismo do presente? (JAPIASSU, 2001, p.10).

A contemporaneidade vive essa fragmentação, essa velocidade e incapacidade de análise da história presente devido a tal rápido passo. A cultura está dentro do “contexto de não ter contexto”, a cultura *Nobrow*.

O ciberespaço se tornou o meio principal pelo qual pessoas do mundo inteiro, recém-apropriadas de novas mídias e tecnologias, disseminaram e educaram sobre suas culturas, assim como também tiveram contato e foram educados sobre culturais anteriormente

inalcançáveis por elas. O fluxo cultural, anteriormente territorialmente dado, ganhou amplitude mundial, gerando uma nova interculturalidade jamais vista.

Um artista (ou qualquer pessoa, em seu papel de produtor de cultura) pode ser, por exemplo, conjuntamente influenciado por um artista neolítico asiático e por um expressionista africano. (...) O ciberespaço nos trouxe um enorme número de possibilidades de influências vindas de diversas culturas, de diferentes épocas e localizações. Somos imersos em um mar de influências infinitas, muitas vezes não sendo pessoalmente capazes de reconhecer quais são elas ou suas origens, conseqüentemente enfrentando uma grande dificuldade em nomear ou nos integramos a um movimento cultural singular, já que hoje somos completamente atemporais e ageográficos. (ANTUNES, 2014b, p.5).

Desta maneira, reforçamos e reiteramos as razões da unicidade e da inclassificabilidade do *Nobrow*, lembrando o importante papel das novas tecnologias e novas mídias.

Os novos produtos culturais resultantes dessa influência em amplitude mundial são de natureza inclassificável porque são fruto da multidimensionalidade de todos os processos de produção e da influência cultural multiaspectal; distribuído de algum modo por qualquer meio, seja pela internet, pela televisão, por diversas mídias. A cultura foi redefinida por esta nova realidade, fazendo-a deixar de ser apenas uma soma de fatores culturais que resulta no hibridismo e tornando-a algo novo, único e inclassificável, além-híbrido; isto é, um resultado no qual não é possível reverter a operação matemática do ciclo de influências culturais para revelar seus componentes incógnitos. (ANTUNES, 2015, p. 9)

É exatamente a nova multidimensionalidade tecnológica e midiática que faz o Hibridismo transcender para o “Além-Hibridismo”.

Esse Inclassificalismo contemporâneo é a evolução do hibridismo, vinda da interatividade típica da cibercultura, para além do hibridismo. É a consequência do diálogo entre culturas e da troca de tradições culturais plenamente universalizados pelo ciberespaço, é o surgimento de uma produção de cultura independente de herança cultural local e/ou temporal. É um novo fenômeno na história cultural que caracteriza o século XXI; e está surgindo como a cultura do século XXI, nascida sob condições tecnológicas e culturais específicas da contemporaneidade. É a articulação do mundo, é a internacionalização de culturas de todos os lugares por meio da comunicação proporcionada pela tecnologia. (ANTUNES, 2015, p. 10)

E assim para completo esclarecimento, retomamos e fundamentamos, para finalizá-la, a argumentação inicial sobre a diferença entre a cultura Nobrow e seus predecessores, entre híbridos e “além-híbridos”:

Enquanto bens culturais híbridos têm características de diversas tendências juntas em um único trabalho, e enquanto elas podem ou não estar ligadas à cibercultura, os bens culturais além-híbridos são únicos: suas origens e influências podem ser várias e é impossível reconhecê-las ou traçá-las, tornando sua classificação impossível. Os objetos desta cultura não são necessariamente vinculados ao digital e ao interativo; eles não estão obrigatoriamente no ciberespaço. Contudo, cada obra foi influenciada pelos traços da cibercultura; cada uma recebeu influências diretas ou indiretas de outras produções e seus produtores do mundo inteiro pelo ciberespaço. (...) É pela articulação social no ciberespaço que a estética dessa cultura inclassificável além-híbrida e seus bens culturais são internacionalmente estabelecidos. (ANTUNES, 2015, p. 10)

### ***Nobrow*: a Antítese das Definições**

Conforme mencionado anteriormente, categorizar uma cultura como *Nobrow*, ou seja, categorizá-la como “não-categorizável”, é uma grande antítese da qual temos plena consciência. Mas a nomeação deste nome processo comunicacional inominável advém da necessidade de focar na maneira como lemos esses novos processos, e não em defini-los. O que nos cabe é entender seu modo de ação. Não necessariamente deve haver um projeto em comum a cada época, a cada localidade, e contemporaneidade. É necessário haver um novo pesquisador, um novo crítico que se abra para as possibilidades, ou senão, ele simplesmente declarará o quanto um objeto não é arte, não é determinado tipo, gênero de arte ou cultura. O crítico se coloca em uma posição normativa, extremamente fechada, decidindo o que entra ou não entra em determinada classificação. Não é questão de qualidade, da velha discussão sobre o que é ou deixa de ser cultura, mas sim de se abrir para o que está acontecendo. É o conseguir sair das segmentações das pré-definições, pois caso contrário as novas obras *Nobrow* inclassificáveis do século XXI simplesmente não se encaixarão, e assim se perderão.

Toda vez que a questão da representação e/ou da definição entra no campo da crítica da ficção popular e da erudição, e principalmente no espaço intermediário entre estas, “algo similar a uma Hidra de sete cabeças nos é apresentado, formada por um grande caldeirão de posições, oposições, suposições e presunções, reformuladas e reconfiguradas em suas versões críticas”, como caracteriza Swirski (2005). Esta enorme combinação resulta em um produto final, em algo similar a uma enciclopédia, ou ainda melhor, a uma lista telefônica: uma interminável descrição, uma listagem de nomes e atribuições.

É muito fácil nos perdermos em *big data*, ou rodeados de livros e mais livros, bibliotecas inteiras de material sociológico, filosófico, crítico-literário e crítico artístico existente sobre a comunicação, a cultura e suas histórias. Ainda assim, se faz necessária uma tentativa de encontrar uma visão panóptica a ser alcançada por uma abordagem ocasionalmente seletiva a certos teóricos individualmente, e a certas variantes individuais isoladas da propagação de suas teses, buscando chegar a um conceito, em uma definição, sem restringir conceito a uma única palavra, e ao mesmo tempo, sem tornar tudo isso em um mero dicionário de citações e definições.

Desse modo, por meio da análise de conceitos, e de suas definições, poderemos alcançar perspectiva e clareza para discutirmos a repercussão desta nova cultura *Nobrow*. Em um momento histórico de divisões disciplinares, e, conseqüentemente, de visões limitadas; há uma grande necessidade de colocarmos uma visão interdisciplinar, panorâmica. Em um papel de críticos, devemos buscar deixar “pré-conceitos” e “pré-definições” de lado, na busca do verdadeiro julgamento.

Uma síntese crítica não necessariamente implica em redundância, apenas em reforço, assim como a releitura de um bom gancho literário não precisa implicar uma perda de tempo, mas sim em uma recaptura de *insights* anteriores.

Toda esse questionamento se destina a sinalizar a nossa consciência para as dificuldades que cercam essas distinções e definições, e nossa necessidade de passar por cima desta análise.

## Considerações finais

O desafio está então na questão da velocidade. No momento em que algo chama a atenção é porque ele já é grande o suficiente para ser visto (sem importar o quão insignificante este possa vir a ser considerado), e em tal momento, dentro das características do nosso veloz mundo contemporâneo, ele em geral já está prestes a morrer.

De tal modo, jamais conseguiremos compreender os novos processos comunicacionais e culturais contemporâneos tentando encaixá-los em modelos antigos que já não são pertinentes. E com mencionada velocidade de acontecimentos, também não temos a possibilidade criar novos modelos a tempo de aplicá-los. A chave está em um novo paradigma inovador, com o qual possamos fazer uma leitura da contemporaneidade sem a necessidade de modelos pré-estabelecidos, ou mesmo de novos modelos. Simplesmente sem modelos, ou com modelos em constante mutação e renovação, fluidos. O crucial a ser feito é adaptar-nos e adaptar nossos métodos para que eles sejam tão flexíveis, para que fluam tanto quanto a informação, a comunicação e a cultura contemporâneas fluem. Temos que enxergar as coisas da maneira que elas acontecem, com o processo comunicacional *Nobrow* e sua consequente cultura, e não de acordo com padrões ultrapassados.

Como *Nobrow*, compreendemos todo tipo de produção ou produto cultural contemporâneo que não se encaixa em nenhuma categoria, em nenhum padrão, em nenhuma regra. O século XXI começou com uma forte tendência a essa estética cultural; é possível observar que a cultura atual não segue um horizonte único, um estilo único constitutivo de uma época. O presente cultural escapa a categorizações, e, conforme mencionado, o inclassificável hoje se chama *Nobrow*.

## Referências

ANTUNES, Janaína Quintas. **História da Cultura Contemporânea: Cibercultura e Cultura Nobrow**. In: Simpósio Nacional de História Cultural, VII, 2014, São Paulo. Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural - Escrita, circulação, leituras e recepções. São Paulo, Edição 1, 2014a, p. 1 – 8.

ANTUNES, Janaína Quintas. **O Ciberespaço como Novo Meio de Influência Cultural:** A Teoria Comunicacional da Cibercultura Onipresente. In: VIII Simpósio Nacional da Abciber, VIII, 2014, São Paulo. Anais do VII Simpósio Nacional da Abciber - Comunicação e Cultura na Era de Tecnologias Midiáticas Onipresentes e Oniscientes. São Paulo, Volume 8, 2014b.

ANTUNES, Janaína Quintas; SANTOS, Quiona Norberto. **O Ciberespaço e a Origem de Novos Fenômenos Culturais:** da Hallyu 2.0 à cultura Nobrow. In: Seminário Internacional da Comunicação, XIII, 2015, Porto Alegre. Janelas para o mundo: Telas do Imaginário. Porto Alegre: EDIPUCRS, Volume 13, 2015, p. 68 – 76.

ANTUNES, Janaína Quintas. **A emergência do ciberespaço e a imergência do território físico:** processos comunicativos hipermediáticos e a circulação da cultura. In: Congresso Internacional de Comunicação e Cultura, V, 2015, São Paulo. Anais do V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura - V ComCult - O que custa o virtual?. São Paulo, Volume 5, 2015, p. 1 – 11.

JAPIASSU, Hilton. **Nem tudo é relativo:** a questão da verdade. São Paulo: Letras e Letras, 2001.

SEABROOK, John. **Nobrow:** the culture of marketing, the marketing of culture. New York: Vintage books, 2001.

SWIRSKI, Peter. **From lowbrow to nobrow.** Montreal: Mcgills Queens University Press, 2005.

TRIVINHO, Eugenio. **O mal-estar da teoria:** a condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

TRIVINHO, Eugenio. **Glocal:** visibilidade mediática, imaginário *bunker* e existência em tempo real. São Paulo: AnnaBlume, 2012.

**Artigo recebido em: 22/10/2017**

**Aceito em: 02/12/2017**